

CAPÍTULO

1

A té onde ela irá? – perguntou Gregório.
– Pedro Grant não tirou os olhos da monstruosa nuvem escura saindo do vulcão na ilha de Khemia.

– Não sei – respondeu Pedro. – Talvez vá cobrir todo o céu.

Os dois amigos se encontravam em uma pequena elevação na floresta, olhando para o vulcão, por entre as árvores, através da ilha.

Um brilho laranja intenso marcava sua boca, de onde a lava ainda escorria em um fluxo lento, torrencial. Acima do vulcão, a névoa da escuridão que avançava era evidente, mesmo à luz da lua, como um borrão de tinta estendendo-se pelo céu noturno.

– Os cientistas acreditam que uma nuvem como essa liquidou os dinossauros – falou Pedro, com os olhos magnetizados pelo crescente nevoeiro de cinzas que subia do vulcão.

– Só que não era de um vulcão, mas de um pesado asteroide que atingiu o oceano bem próximo da península de Iucatan, há 65 milhões de anos. Gregório, você está me ouvindo?

O olhar de Gregório, porém, estava voltado para o chão, onde procurava alguma coisa.

– Estou tentando não ouvi-lo – respondeu ele.

Pedro desceu do monte e foi ajudar Gregório em sua busca no chão da floresta.

– Você deveria ouvir. A ciência é que nos separa dos mamíferos inferiores.

– Espero que *eu* seja o único a escutar você – retrucou Gregório. – Fale em voz baixa.

– Está bem – sussurrou Pedro, examinando a floresta enlaurada como se um Gul'nog pudesse atacá-los a qualquer momento. – Esqueci-me.

Antes de sua saída de Londres para o misterioso mundo de Aedyn e a ilha de Khemia, ele nunca tivera necessidade de preocupar-se com essas coisas.

Gregório apontou.

– Ali!

Pedro abaixou-se.

– Está vendo alguém?

No escuro, o contorno do braço de Gregório mal aparecia.

– Pelo menos um – disse ele. O rapaz avançou e ajoelhou-se ao lado de algo na grama.

O coração de Pedro bateu forte em seu peito.

– Um *Gul'nog*? *Aqui*? – Antes que Pedro tivesse tempo para reagir, Gregório puxou seu canivete – e golpeou a terra. Pedro

quase riu de alegria. Não era uma daquelas criaturas terríveis de dois metros de altura, prontas para arrancar seus membros. Gregório encontrara um fungo. Fungos.

Cogumelos, para ser exato.

– Traga sua mochila. – Gregório cortou os cogumelos com o canivete e colocou-os na sacola de lona de Pedro. Ele limpou o canivete e devolveu-o à bainha de couro em sua cintura.

– Quantos, Gregório? – Pedro continuava assustado e manteve então a voz baixa ao falar com o companheiro.

– Doze.

Os ombros de Pedro caíram um pouco.

– Está bem – disse ele. – Vamos procurar os outros. Quem sabe tiveram melhor sorte.

Eles se levantaram e voltaram pelo mesmo caminho que os levara ali. Conheciam aquelas florestas – sabiam como atravessá-las sem serem ouvidos. Sabiam mover-se nas sombras, escorregando entre os ramos das árvores como fantasmas. Sabiam onde pisar e onde um pé mal colocado poderia sugar um homem para um lamaçal oculto. Eles haviam vagado por aquela floresta todas as noites durante dois meses.

A sombra – a nuvem do vulcão – se ampliava a cada noite, quase alcançando o horizonte, escurecendo e se adensando mais e mais. Mesmo à luz do dia ela escondia o sol, deixando a paisagem cinzenta e triste. Não que a tivessem visto durante o dia ultimamente. Fazia semanas que não saíam enquanto havia claridade.

O som de um galho quebrado fez Gregório estender o braço, detendo Pedro. Eles esperaram, tentando não respirar.

Pedro orou para que o vento estivesse favorável em relação a qualquer coisa que pudesse descobri-los.

Outro som e mais outro. Alguma coisa se encontrava ali e estava se aproximando deles.

A apenas alguns passos de Pedro havia uma grande árvore, seu tronco era tão grosso que ele e Gregório não teriam podido abraçá-lo. Pedro agachou-se, enrolando-se como uma bola, aninhando-se entre duas das enormes raízes da árvore. Embora Gregório não fizesse nenhum barulho, Pedro viu que ele fizera o mesmo.

Esperaram ali, Pedro mal respirava, querendo que seu coração parasse de bater, mas os passos se aproximavam.

Quem ou o que era movia-se lentamente – devagar demais para algo que estivesse apenas passando por ali. Deveria estar procurando alguma coisa. Ou alguém.

Pedro arriscou-se a espiar. Ali, não mais do que a 2,40m do lugar em que se achavam, uma criatura das Sombras ergueu a cabeça e aspirou o ar viciado da floresta. Ficou à escuta, fungando, sorvendo o cheiro de homem. Com verdadeiro horror invadindo seu estômago, Pedro compreendeu a verdade: era um Gul'nog e ele sabia que se encontravam ali.

Nos meses terríveis desde que chegara a Khemia, Pedro começara a temer cada vez mais aqueles monstros. Eles gostavam do ar viciado, pungente do lugar, se fortalecendo à medida que o tempo passava. Os Gul'nog eram monstros saídos de algum pesadelo – sua pele marcada por vergões e cicatrizes, os membros fortes do tamanho de arbustos. Pedro pensava às vezes que eles até pareciam velhas árvores nodosas.



Os Gul'nog eram a razão daquelas incursões noturnas. Pedro e um pequeno grupo de homens saíam todas as noites, procurando alimento e água limpa para os que haviam sobrevivido à explosão do vulcão. Nenhum dos refugiados jamais esqueceu de que a única razão para continuarem vivos era o fato de os Gul'nog não terem ainda descoberto o seu esconderijo.

Os monstros, no entanto, sabiam que eles continuavam na ilha – sabiam que alguns deles tinham sobrevivido à erupção – e por isso os procuravam.

Pedro tentou diminuir de tamanho ao voltar para as raízes da árvore. A casca áspera machucava sua pele. Era sempre

assim quando os Gul'nog se achavam por perto – sempre este medo paralisante.

Pedro contemplou com horror a cabeça do monstro voltar-se na direção deles. Os lábios do Gul'nog se curvaram em um rosnado ao avançar na sua direção. Que o céu os ajudasse: o monstro sentira o cheiro deles. Ia pegá-los.

Deviam ficar ali ou tentar fugir? Pedro escapara de um Gul'nog em outra ocasião, ficando escondido nas árvores e depois abaixando-se em uma caverna próxima – a única que encontrara na ocasião – onde a irmã de Pedro, Júlia, sua meia-irmã, Luiza, e o povo remanescente de Aedyn se esconderam. Pedro fechou bem os olhos e orou para que a morte fosse rápida.

O Gul'nog então atacou-os.

Gregório foi apanhado primeiro. A mão dele apareceu e agarrou o braço de Gregório em um golpe de morte, torcendo até que ele gritasse em agonia. Pedro podia ouvir os ossos sendo moídos.

Um pensamento estranho invadiu sua mente: *Deixe o Gregório! A coisa vai começar a comê-lo e você terá tempo para fugir.*

Pedro puxou os pés debaixo dele e preparou-se para fugir.

O Gul'nog virou-se para fitá-lo, surpreso. Mas, recuperou-se rapidamente e rosnou para Pedro.

Seu momento de fuga se perdera. Quer fosse um ato de heroísmo ou por não ter outra escolha, Pedro enfrentou o monstro. Este deixou cair Gregório e se voltou para ele.

Aquele era o fim. Seria partido em pedaços e comido por ... seus pensamentos foram cortados repentinamente ao ouvir-se

um urro retumbante. Pedro tanto sentiu quanto ouviu o som. Ele reverberou por dentro de sua pele, abalando-o até os ossos, e caiu ao chão. Era um ruído estranho, que não conhecia, estremecendo com sua força.

Ao ouvir o som, o Gul'nog levantou a cabeça e, respondendo a um chamado que só ele parecia entender, afastou-se de Pedro e correu por entre as árvores pelo caminho em que viera.

O pulso de Pedro acelerou-se e se passaram alguns momentos antes que pudesse respirar outra vez.

– Pedro? – o sussurro de Gregório era tão baixo que poderia ter sido uma folha tremulando ao vento.

– Está tudo bem agora – disse Pedro, tomado de vergonha por ter quase deixado o amigo a fim de salvar-se. Estaria se tornando tão mau quanto as perversas criaturas que os caçavam? – Pensei que era o nosso fim.

– E eu pensei – Ai! – Gregório agarrou o ombro e caiu de joelhos.

– Seu braço! – Pedro levantou-se, limpou as cascas e folhinhas da roupa e estendeu a mão.

– Quebrado, penso – disse Gregório, mordendo a língua com os dentes... – Vou ficar bem. Temos de voltar – encontrar os outros.

Pedro agarrou o braço bom de Gregório e o ajudou a levantar-se.

– Não esqueça os cogumelos.

– Tem razão. – Pedro pegou a sacola do chão.

– O que o fez ir embora? – perguntou Gregório rangendo os dentes.

– Uma espécie de corneta, eu acho. – Gregório tropeçou e Pedro segurou-o, pegando no braço machucado, o que fez Gregório gritar de dor.

Eles caminharam pela floresta cerca de dez minutos. Pedro sabia que o amigo entraria em choque logo mais – se já não estava – embora continuasse caminhando. Em breve chegaram a uma pequena clareira onde se achava um grupo de homens sujos. Os outros colhedores de alimentos. Eles se animaram ao ver Pedro e Gregório saindo dentre as árvores.

Ouvimos um ruído na floresta – disse Orrin. – Pensamos...

– Tivemos uns problemas – explicou Pedro, fazendo um sinal para Gregório. Ele examinou o grupo. – Todos voltaram?

Orrin acenou com a cabeça. – Não muito além de folhas, nozes e cogumelos.

Pedro suspirou tristonho, aquela não fora uma noite boa para encontrar alimento. Mas isso não importava – os Gul'nog já sabiam qual era a área deles. Um grupo de busca completo logo surgiria. Teriam de mudar-se de novo e Gregório precisava de ajuda. Tinham de ir até onde estavam os outros.

Os dez homens andaram em fila, abrindo caminho entre as sombras e voltaram à caverna. Pedro podia ouvir Gregório ofegante e respirando com dificuldade, evidentemente sofrendo muito. Mas Gregório mantinha a agonia oculta. Se os outros apenas pudessem ser tão corajosos...

A última mudança tinha sido quase demasiada para algumas das crianças menores e ele detestava tentar outra tão depressa. Pedro tirou a ideia da cabeça ao aproximar-se da entrada da caverna escondida entre os rochedos no fundo do despenhadeiro. Admirou-se outra vez com o fato de a face

do rochedo à sua frente esconder a entrada. Parecia apenas uma rocha para ele, tendo simplesmente trepadeiras aqui e ali. Se não tivesse sabido da sua localização, jamais a teria encontrado no escuro. Pedro entrou de lado na abertura estreita, como que dançando entre as paredes apertadas da rocha que se fechavam sobre ele dos dois lados. De maneira estranha, era uma boa coisa estarem ficando sem comida. Se estivessem realmente se fartando todos os dias, não poderiam entrar nem sair de seu esconderijo. Era de algum conforto pensar que nenhum Gul'nog poderia se esgueirar pela abertura. Embora os monstros fossem provavelmente atirar algumas tochas acesas para dentro e obrigá-los a sair. Ele tentou não pensar nisso.

Você talvez já tenha explorado uma grande caverna antes. Caso positivo, você conhece a sensação que temos, aquela que nos rodeia e pesa sobre nós, especialmente se tiver de entrar por um lugar apertado. Você tem o sentimento de que se ficar preso não haverá resgate. Não é como se alguém pudesse arrancar as paredes da caverna para livrá-lo. Pedro se sentia assim ao atravessar com dificuldade a passagem.

Havia umidade no túnel que fez seus pulmões virarem uma esponja, aspirando o ar viciado, úmido. Ele parou de respirar, tentando não pensar na palavra “caixão”, enquanto se arrastava pelas curvas e voltas da passagem. O túnel finalmente terminou em um espaço largo, aberto, onde havia uma fogueira. Não muito alegre, porém quente.

A fumaça os perturbou no princípio. Iria sufocá-los? Ou subiria até a abertura e assinalaria para os Gul'nog o local onde estavam? Era evidente, no entanto, que fissuras e fendas

estreitas faziam a fumaça se dissipar e a levavam embora, não permitindo que fossem localizados. *Todavia*.

Pedro entrou no cômodo central e viu-se frente a frente com uma jovem de cabelos loiros caindo até os ombros e o rosto vermelho por causa da grande fogueira no centro da caverna.

– E então? – perguntou ela, com as mãos plantadas firmemente nos quadris. – O que você encontrou?